

MAGNE VIVA

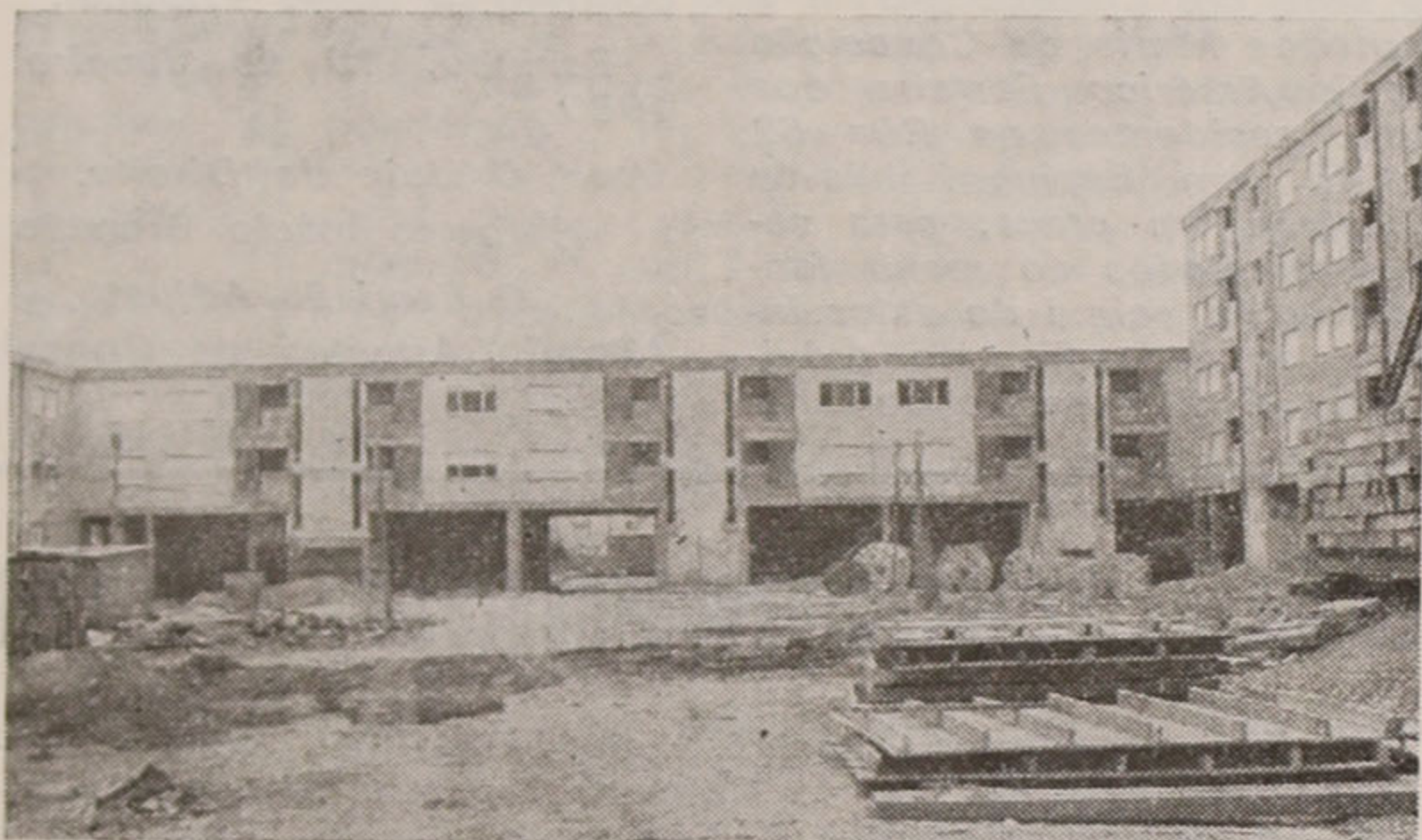
Director: ANTÓNIO SANTOS

SEMANARIO

ANO IV — N.º 181 — Preço 6\$00 — 24/1/80

ALOJAMENTOS NA PONTE DE ANTA SÃO LEGAIS

— CONCURSO AFINAL DEMORA



Com as expectativas e as necessidades de habitação da população se jogam os dados de gente muito «preocupada».

Quando em causa está, apenas, o tal concurso que nunca mais vem.

Não há qualquer fundamento nas notícias postas a correr a semana passada e segundo as quais teria havido casos de fraude no alojamento de famílias já instaladas em habitações do complexo da Ponte de Anta, segundo essas notícias, postas a circular por um semanário local, a Câmara de presidência de Artur Bártolo, dois médicos («marxistas»?) espinhenses, uma «alta funcionária da Direcção de Habitação Norte» e a própria Direcção da Habitação Norte ter-se-iam conluído para alojar indevidamente uma família, ficando ainda em aberto

a possibilidade de haver outras fraudes do mesmo tipo.

Na tentativa de esclarecer o assunto, e na continuação da nossa preocupação de trazer os nossos leitores permanentemente informados de tudo o que diz respeito à construção de habitações sociais no concelho, estabelecemos vários contactos, estando em condições de dizer que, de acordo com os dados a que tivemos acesso, «tudo se passou de acordo com o que a lei prevê», conforme nos disseram do Fundo de Fomento da Habitação.

«Não há qualquer realoja-

mento que não tenha enquadramento na lei, o que é aliás a melhor garantia de que a população não tem razão para se sentir defraudada. Todos os pedidos que nos são enviados pelas câmaras são devidamente analisados sendo sobre eles emitido um parecer que segue para Lisboa, onde é submetido à aprovação do Presidente do Fundo de Fomento e do Secretário de Estado. Aliás, no que se refere aos processos organizados pela Câmara de Espinho nunca houve qualquer problema, até porque têm sido sempre muito bem fundamentados».

Parece, pois, que tudo se passou da maneira mais legal, estando a situação de todas as famílias que já se encontram a viver nas casas da Ponte de Anta devidamente definida. As casas já habitadas e que foram atribuídas extra-concurso pertencem a famílias que foram vítimas dos temporais (desalojadas) ou a quem foram expor-

continua na página 8

Reunião da Câmara

P. S. LEVANTA OBJECÇÕES

Quem fosse na passada 5.ª feira à Câmara com o objectivo de presenciar uma reunião movimentada, veria saírem defraudados os seus intentos. De facto, a 1.ª reunião pública do novo executivo local foi morna e insípida, com excepção da parte final, animada por uma intervenção política do PS. Muita gente a assistir (foi da vez que mais pessoas ali registámos) à espera de ver solucionados os seus problemas: é a construção de uma dependência, são as dimensões de um taipal, uma série de pequenos proces-

sos que ocupam habitualmente a primeira parte da ordem de trabalhos. Mas passemos aos mais importantes assuntos (e foram poucos) tratados.

TERRAMOTO — Sob proposta do vereador do P.S., António Ruano, que é também o Presidente do Núcleo de Espinho da Cruz Vermelha, a Câmara deliberou atribuir um subsídio para ajuda das vítimas do sismo dos açores. As propostas sobre o quantitativo a atribuir variaram, tendo sido aceite a que Marçal Duarte

preconizou.

HABITAÇÃO — Um officio da PORSIL, empresa encarregada da construção dos 18 fogos da Marinha, propunha, em jeito de pedido, que a Câmara revisse os preços relativos àquela empreitada. A repartição técnica deu parecer favorável à revisão, uma vez que a verba pedida, está de acordo com os mapas existentes. Pese embora o facto de a revisão vir na sequência de prorrogação de prazos, e tendo em conta a quase conclusão da obra, a Câmara não se opôs ao pagamen-

to dos 647 contos, tal era o seu valor.

SCE/AAE — Um pedido um tanto ou quanto descabido foi o formulado pela comissão conjunta destes dois clubes. Era sua intenção que o executivo camarário lhes cedesse o Salão da Piscina durante todos os domingos e feriados do corrente ano, para a realização de bailes. Em virtude do pedido e para evitar mais solicitações deste género, o vereador do pelouro respectivo, Casal Ri-

continua na página 2

PORTUGAL: ANOS SETENTA

— LEIA NA PÁGINA 3 —

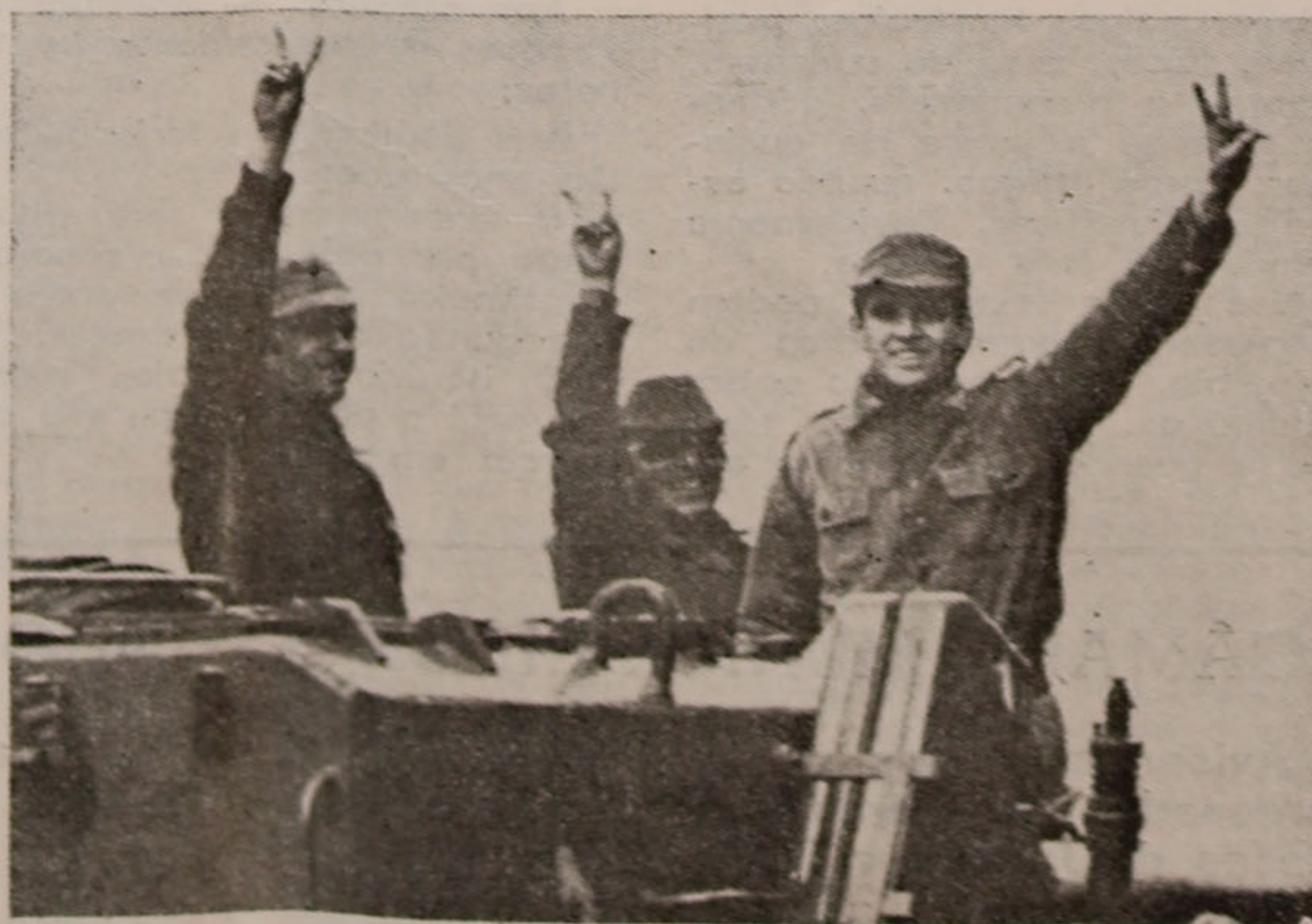
Os anos 70 em Portugal foram, incontestavelmente, dos mais importantes do nosso século. Foram anos de mudança: um regime velho e caduco que partiu, um sistema novo e livre que chegou. A longa noite fascista, heroicamente suportada por aqueles que não dando o braço a torcer prosseguiram a luta, finalmente acabara. Foi Abril dos cravos que floriram numa madrugada de Primavera. O espectro sinistro que até

então pairava no ar, desaparecera. A liberdade fora finalmente alcançada.

Numa manifestação natural da sua euforia, o povo veio para a rua, extravasar tudo aquilo que quase durante meio século não lhe fora permitido dizer. Era a vontade popular, estávamos em 1974.

Passaram-se os anos, a democracia amadureceu.

Foram anos de alegrias, foram anos de tristezas. Sem pretensiosismo, a sua análise retrospectiva.



ABRIL entre a velha e a nova vida

DEZ ANOS DE (ALGUMA) CULTURA

A cultura e as artes não se metem facilmente num balanço. Têm mais a ver com o interior das nossas cabeças do que com factos avulsos, acontecimentos parcelares que podem ter importância mas também podem significar muito pouco.

A cultura de que se pode falar é aquele conjunto de manifestações visíveis, as sessões, os filmes, os teatros, os livros. É disso e de outras coisas que aqui se fala. Não se fazem apenas contas e estatísticas; lançam-se opiniões, críticas, motivos de reflexão. Longe de nós a pretensão de aparecermos com a última e decisiva palavra. Longe de nós, também, a pretensão de aqui termos englobado todos os aspectos que haveria a salientar. Quantas coisas ficam de fora!

A palavra «Abril» vai aparecer muitas vezes nestas linhas. Foi esse, efectivamente, o verdadeiro e grande facto cultural dos anos setenta. Partiu a década em dois. Então na cultura, é obrigatório falar de um «antes» e um «depois». Obrigatório.

Leia na página 5

REUNIÃO DA CÂMARA

P. S. levanta objecções

continuação da página 1

beiro, ficou encarregado da elaboração de uma proposta de regulamento para a utilização do referido salão.

PASSAGEM DE NÍVEL — Mais uma vez foi abordada a questão do encerramento da passagem de nível da rua 7, pois o pontão encontra-se já em funcionamento. A Câmara, porque o assunto exige análise e ponderação, vai estudá-lo devidamente, aguardando que a CP, até lá, não tome qualquer posição.

CONTAS — Analisando as contas finais da C.M.E. no ano transacto, verifica-se que o saldo total foi de pouco mais que 31 mil contos. Porque um saldo destes em termos de investimento é um tanto desanimador, a Câmara, a exemplo do feito em 1979, vai fazer um depósito a prazo, distribuindo pelas quatro dependências bancárias da cidade. É que só de

juros o ano passado foram quase mil contos!...

AGRADECIMENTOS — Vários têm sido os agradecimentos dirigidos à anterior C. M., por parte de pessoas e colectividades do concelho. Na passada reunião, registaram-se mais dois: um do C.A.E. e outro da P.S.P. de Aveiro, ambos pela colaboração prestada pelo anterior executivo.

PS AO ATAQUE — Já no fim da reunião, o Partido Socialista, por intermédio de António Ruano, levantou algumas questões de carácter mais geral e político. António Ruano criticou o discurso de tomada de posse do Presidente da Câmara, contestando que ele tivesse pretendido falar em nome dos autarcas empossados, quando, naturalmente, proferiu um discurso em que defendia posições com as quais o Partido Socialista não se identifica. Interrogou, por outro lado, sobre a questão do possível no-

meação de um vereador a tempo inteiro, tanto mais que segundo notícias na imprensa já haveria sido escolhido o vereador para o cargo. José Fonseca argumentou que tencionava pedir à Assembleia Municipal que se pronunciasse sobre a existência de um vereador com essas funções e salientou que é prerrogativa do presidente a sua designação.

O mesmo vereador socialista propôs ainda que seja feito um inquérito sobre a forma como foram gastos os cerca de 10.000 contos de subsídios para recuperação de estragos causados pelo mar no ano passado, assunto que tem vindo a ser sistematicamente utilizado por um semanário local para pôr em causa a administração de Artur Bártolo. Segundo a proposta de António Ruano, no caso de tal inquérito não comprovar quaisquer irregularidades, a câmara deverá mandar processar judicialmente o referido semanário.



Quinta-feira, 24
MEIA BOLA E... FORÇA!
M/ 13 anos

Pelo conjunto de vedetas que se nos depara nesta comédia americana, seria caso de apostar nela logo à partida, mas desgraçadamente não é. A decepção é enorme, a ponto de não se lhe conseguir vislumbrar qualquer motivo de interesse. Nem mesmo as curtíssimas imagens de futebol americano que apresenta num relance chegam para justificar uma eventual ida ao cinema. Um «barrete» autêntico.

Sexta-feira, 25
JUNTOS SÃO DINAMITE
M/ 13 anos

A assinar algo de diferente nesta fita de série da dupla Terence Hill — Bud Spencer, que pr'áí pela quinta vez aqui é exibida, é o facto de ser assinada por Marcello Fondato e contar ainda com a participação de Donald Pleasance (I), o que melhora consideravelmente os efeitos. O resto já todos nós sabemos...

Sábado, 26
O MASSACRE DOS BÓLIDES
M/ 13 anos

É já tão grande a nossa confusão que já não sabemos se o motivo da nova exibição desta fita, após poucos meses de aqui ser anunciada, é por simples repetição ou por não ter chegado a ser exibida. De qualquer forma, lembramos que é aquela história da menina que gostava de andar de... «vrrruuumm»... e que fugiu com um menino que era condutor de... «vrrruuumm...» e que no fim... «kaput». Lembrem-se, não é verdade? Pois é essa mesma.

Domingo, 27
A RAPARIGA DA ZONA QUENTE
M/ 13 anos

Numa excelente realização de um «nouvel du métier» do cinema americano, Paul Schrader, o tema do choque de um pai (George C. Scott) provindo duma geração «exacerbadamente puritana, perante o ambiente do «bas-fond» americano onde por justificadas circunstâncias

procura encontrar o paradeiro de sua filha. Distinguido pela crítica como um dos melhores filmes de 1979, merece, também por outras razões, plenamente uma visão atenta pelo documento que constitui sobre o quotidiano actual de uma sociedade como é a americana. A não perder.

Terça-feira, 29
UM DOMINGO NA PRAIA
M/ 13 anos

Muito no estilo de que os italianos gostam, esta película apresenta em «sketches» várias cenas que tem por cenário comum um vestidário de praia, onde durante um dia desfilam as mais diversas e caricatas figuras. A produção, como nível de qualidade, fica muito aquém do notável elenco artístico participante, mas para satisfazer a necessidade de promover o que pouco nos dão a ver, aconselhamos a não perder de todas as oportunidades.

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ESPINHO

EDITAL
SESSÃO PÚBLICA NO DIA 25/1/80

PEDRO RUI CARREIRA PINHEIRO DE LIMA, Presidente da Assembleia Municipal,

Torna público, que no dia 25 do corrente, pelas 21,30, no Salão Nobre da Câmara Municipal, terá lugar uma sessão pública da Assembleia Municipal com a seguinte ordem de trabalhos:

Discussão e aprovação do Regimento da mesma Assembleia.

O Presidente da Assembleia
PEDRO RUI CARREIRA PINHEIRO DE LIMA,

Mercado diário

A Assembleia Municipal aprovou, em Outubro passado, o «Regulamento dos Mercados Diários Municipal e Lota», que entrou já em vigor. Transcrevemos algumas normas gerais:

Os Mercados Diários Municipais — Municipal e Lota —, destinam-se à venda de carnes, peixes, artigos hortícolas, frutas, flores, aves de consumo, canoras e ornamentais, podendo fazer-se a venda de quaisquer outros artigos, quando assim se justificar, devidamente autorizados pela Câmara.

Nas lojas externas podem processar-se outros ramos de comércio, desde que não sejam incómodos, perigosos ou tóxicos e quando devidamente au-

torizados pela Câmara e respectiva Delegação de Saúde.

Os Mercados Municipais adoptam o seguinte horário — normal:

De segunda a sexta-feira — abertura às 8 horas e encerramento às 18 horas;

Aos sábados — abertura às 7 horas e encerramento às 13 horas;

Aos domingos e feriados estão encerrados.

O encerramento será anunciado por dois sinais sonoros, o primeiro meia hora antes e o segundo na hora exacta.

O horário das lojas externas será o praticado para o comércio em geral.

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

Avisam-se todos os interessados que durante os meses de Janeiro e Fevereiro do corrente ano, se encontram em pagamento na Secretaria da Câmara

Municipal de Espinho as licenças de publicidade e rampas.

O Presidente da Câmara
José Carvalho da Fonseca

D. MARIA FERREIRA DA SILVA

Após prolongada doença, faleceu no dia 18 a D. MARIA FERREIRA DA SILVA, tendo o funeral ocorrido em Espinho no passado sábado. A extinta era mãe do sr. António Ferreira Gaio, Presidente da Assembleia Geral e sócio fundador da Cooperativa Nascente, e avó de Carlos Afonso e Laura Maria Morais Gaio, também activistas desta Cooperativa. «Maré Viva» e a Nascente associam-se à família enlutada neste momento de pesar.

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA DE ESPINHO
ANUNCIO

Nos autos de Carta Precatória vindos da comarca de Ovar e extraídos dos autos de Execução Sumária em que são Exequente Coelho, Irmãos, Lda. com sede em Cortegaça-Ovar e executados Maria da Conceição Silva e Américo Ferreira dos Santos, residentes na Rua 62 n.º 645, em Espinho, hão-de ser postos em praça, para serem arrematados ao maior lance oferecido acima do valor indicado no processo, no próximo dia 28 de Janeiro corrente

pelas 10 horas, os seguintes bens:

1. Um televisor da marca «Telefunken» Electrónico número 31094180, de 2 canais e,
2. Um frigorífico da marca «Westpoint Internacional», de 2 portas.

Os móveis a arrematar encontram-se neste Tribunal.

Espinho, 10 de Janeiro de 1980

O Juiz de Direito,
Norberto Inácio Brandão
O Escrivão Adjunto,
António Augusto da Conceição Portela

Comissão Eleitoral Independente da F. de Guetim

Em cumprimento ao N.º 1 do Artigo 65.º do Decreto-Lei 701-B/76, de 29 de Setembro, passamos a discriminar as contas referentes à Campanha Eleitoral, das quais agradecemos a sua publicação:

DESPESAS	
Programas	718\$80
Listas de Propositura e Requerimentos de Certidões	604\$00
Prospectos e Rifas... ..	2.898\$00
Fotocópias	225\$00
SOMA	4.445\$80

RECEITA	
Rifas passadas a subscritores e candidatos e contribuição dos mesmos	4.445\$80

Guetim, 14 de Janeiro de 1980

Pel'A C. E. I. F. G.
JOAQUIM MOREIRA DE SA

GARAGEM AVENIDA

MANUEL DA SILVA RIBEIRO, LDA.

Reparações Mecânicas e Eléctricas
Serviços especializados de Chapeiro e Pintura
Alinhamento de direcções — Equilíbrio de rodas
Testes — Diagnósticos em todas as viaturas
Agente dos pneus «FIRESTONE»
Lavagem automática — Reboque Permanente

Angulo da Av. 24 e Rua 29 ESPINHO
Telefs.: Oficina 921730 — Resid. 922097

ALFAIATARIA MANO

José Ricardo Mano

Executa com perfeição todo o serviço para homem, senhora e criança

Rua 30 n.º 731 — ESPINHO
Telef. 921823

ALBUQUERQUE PINHO

FILOMENA MAIA GOMES

— ADVOGADOS —

ESCRITÓRIOS
R. 31 de Janeiro, 45-2.º — Tel. 21939
4000 PPORTO
Rua 19 n.º 343-1.º — Tel. 922964
4500 ESPINHO

Mare'viva

Director:
ANTONIO SANTOS

Redacção:
RUA 62 N.º 251-1.º
TEL. 921621 — ESPINHO

SEMANARIO

Propriedade:
NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número:
António Santos, Joaquim Fidalgo, Luís Costa, José Azevedo e Victor Sousa (redactores); Ana Maria, Augusto Mota, Eugénio Morais e Nuno Barbosa (colaboradores de redacção).

Composição e impressão:
TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S.C.R.L.
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

Anos 70, um por um

1974

FEVEREIRO — Logo no primeiro dia deste mês, no Rio de Janeiro, Ronald Biggs, cérebro do assalto ao comboio inglês, é preso.

MARÇO — No dia 14, em Portugal, os Generais Spínola e Costa Gomes são demitidos dos cargos de chefia militar que até aí desempenhavam.

— A 16 dá-se o golpe das Caldas da Rainha, presumível balão de ensaio do 25 de Abril.

ABRIL — Georges Pompidou, Presidente francês, morre a 2 deste mês, contando 62 anos de idade. No dia 10, a primeira-ministra israelita, Golda Meir, demite-se do cargo.

— A 25, o regime fascista é derrubado em Portugal, M. F. A. e Povo assim o quiseram.

MAIO — No primeiro dia do mês, o Dia do Trabalhador, milhões de portugueses saem para a rua para, em liberdade, festejarem a data e a revolução vitoriosa.

— No dia 16, Helmut Schmidt é eleito chanceler da R. F. A.

— Giscard d'Estaing é por sua vez eleito presidente da República Francesa, a 19 deste mês.

Junho — No sexto dia do mês, Nixon é formalmente acusado de participação no caso Watergate.

JULHO — Juan Peron, de 68 anos, morre no dia 1. A mulher, Isabel Peron, assume a presidência argentina.

— No desporto, o dia 7 marca em Munique, a conquista do Campeonato Mundial de Futebol pela R. F. A., ao vencer, na final, a Holanda por 2-1.

— A 9 cai em Portugal o 1.º Governo Provisório, liderado por Adelino Palma Carlos. Quatro dias depois um militar até então desconhecido, Vasco Gonçalves, é convidado a formar governo.

— No dia 27, Spínola anuncia ao mundo a decisão portuguesa de conceder a independência a Angola, Moçambique e Guiné-Bissau.

AGOSTO — No mesmo dia do mês, Gerald Ford toma posse como 38.º presidente dos E. U. A., após a demissão de Nixon, no seguimento do caso Watergate.

SETEMBRO — No dia 7, forças reaccionárias em Moçambique tentam um golpe no Maputo. O Rádio Clube de Moçambique é temporariamente ocupado, além de outras arruaças de índole colonialista e fascizante contra os acordos de Lusaca, assinados na véspera.

— A 28, em Portugal, a manifestação reaccionária programada para Lisboa é impedida pelas forças progressistas. No dia seguinte, Spínola demite-se e é substituído no cargo pelo Gen. Costa Gomes.

OUTUBRO — No dia 24 morre em Amsterdam, David Oistrakh, um dos maiores violinistas de sempre. Tinha 66 anos.

NOVEMBRO — Aldo Moro toma posse do cargo de Primeiro-ministro italiano, após 51 dias de crise. 24 foi a data da posse.

1975

FEVEREIRO — No dia 11, Margaret Thatcher torna-se leader do Partido Conservador inglês.

MARÇO — Em Portugal, no dia 11, falha o golpe reaccionário encabeçado por Spínola. Durante o ataque aéreo ao Ralis, é abatido um soldado.

— A 14 deste mês o Conselho da Revolução nacionaliza os bancos e as companhias de seguros.

— No dia 15, num hospital de Paris, contando 69 anos de idade, morre o milionário grego Aristóteles Onassis.

ABRIL — No dia 25, em Portugal, um ano depois da deposição do regime fascista, o povo português é chamado às urnas para eleger a Assembleia Constituinte. O Partido Socialista ganha essas eleições recolhendo 37,8% dos votos emradados.

MAIO — A 12, Ian Smith, primeiro ministro rodesiano, afirma que enquanto viver não haverá maioria negra no governo. Enganou-se...

JUNHO — Após oito anos de encerramento, o Canal do Suez é reaberto ao tráfego, no dia 4.

— A 25 deste mês Moçambique torna-se uma nação independente.

JULHO — Por cá, no dia 10, os ministros P. S. abandonam o governo. Sete dias mais tarde os ministros P.P.D. imitariam os seus colegas P. S.

— No dia 25 deste mês, e também em Portugal, numa altura em que a direita camuflada avança, Costa Gomes, Vasco Gonçalves e Otelo assumem os poderes mais significativos.

AGOSTO — No dia 8, apesar de todas as pressões toma posse o 5.º governo provisório português, o 4.º liderado por Vasco Gonçalves.

— Haile Selassié, ex-imperador etíope morre com 83 anos.

— Por cá, o Almirante Pinheiro de Azevedo toma posse no cargo de primeiro ministro no dia 29. No mesmo dia, Velasco Alvarado é derrubado e substituído no poder pelo Gen. Morales Bernudez. Isto no Peru.

OUTUBRO — Quase no fim do mês, mais precisamente no dia 30, Franco, gravemente doente, abdica em favor de Juan Carlos.

NOVEMBRO — No dia 2, Pier Paolo Pasolini é assassinado em Ostia, nos arredores de Roma, por um jovem de 17 anos. Assim desapareceu um dos maiores realizadores cinematográficos italianos.

— A 11 deste mês, e após cinco séculos de dominação colonial, Angola torna-se um Estado independente sob a presidência de Agostinho Neto.

— No dia 20 após um longo período de agonia, morre Francisco Franco, com 82 anos, depois de ter exercido a sua ditadura em Espanha, durante 36 anos.

continua na página 6

PORTUGAL: ANOS SETENTA

«A Nação inteira passou sem qualquer sobressalto, de respirar monotonamente com ditador, a respirar monotonamente sem ele».

São palavras de Miguel Torga, poucos depois de 27-7-70, dia em que, vítima de acidente cardiovascular, morre aquele que foi durante quarenta anos, mais do que o símbolo de um regime, um ditador: António de Oliveira Salazar. Mas na realidade, e apesar da manutenção de todas as honras inerentes ao cargo que ocupava, Salazar já «caíra» a 7 de Setembro de 1968, ao ter um acidente (o da cadeira) de que jamais recuperaria.

Perante a indiferença do país, uma nova cara surge ao leme do «Estado Novo». Chama-se Marcelo Caetano. Com uma noção mais civilizada que a do seu antecessor, da possibilidade dos mass-média, Marcelo Caetano utiliza nomeadamente a televisão, para ter acesso à população portuguesa, inerte por 40 anos de obscurantismo, despolitização e ditadura, e nela inculcar uma projecção simpática da sua imagem pessoal. O facto é que a propaganda resultava de alguma forma. Num das suas viagens de promoção pessoal, uma mulher comentava: «este Salazar é mais simpático que o outro».

A OPOSIÇÃO AUMENTAVA

Mas a aparente simpatia não era santa milagrosa, o conflito armado entre o colonialismo português e os guerrilheiros nacionalistas africanos na Guiné, em Angola e Moçambique prosseguia e o seu custo desastroso, em termos humanos e materiais, contribuiu para um cada vez maior aumento oposicional ao regime. A insatisfação a todos os níveis era crescente.

No plano sindical, surge uma força capaz de unificar e orientar a luta dos trabalhadores pelos direitos sindicais e as liberdades democráticas fundamentais, contra o fascismo: é a Intersindical.

A ditadura continuava, pese embora a política de pseudo-liberalização do regime encetada por Marcelo Caetano. É neste contexto que se enceta

a abordagem do problema da integração de Portugal na CEE, com um memorando dirigido à Comissão da Comunidade. E após ano e meio de negociações, é assinado em 1972, um acordo comercial que entraria em vigor no ano seguinte.

A oposição ao regime aumentava, as greves e as manifestações de rua multiplicavam-se. Também no campo estudantil a opressão fascista se fazia sentir. As formas de luta levadas a cabo pelos estudantes dos mais variados graus de Ensino, tinham como objectivos primordiais o fim da ditadura fascista, pela liberdade e a afirmação do movimento associativo como direito inalienável

das liberdades democráticas.

O COMEÇO DO FIM

No Alentejo reúnem-se 120 capitães. O Movimento das Forças Armadas ganha forma e consciência. Circula o seu primeiro manifesto: «... O Problema maior do povo português, e que em larga medida condiciona todos os outros, é, neste momento, o da guerra em três territórios africanos: Angola, Moçambique e Guiné. A questão é gravíssima e está na base de uma crise geral do re-



Acompanhando nas ruas o golpe militar, colaborando activamente na destruição do aparelho repressivo fascista, o povo apoiava entusiasticamente o 25 de Abril

de todos os estudantes. Daí que os recontros entre estes e as forças policiais da repressão fossem uma constante.

1973 seria marcado como um dos mais conturbados períodos de luta antifascista. Aqui no nosso distrito, em Aveiro, realiza-se de 4 a 8 de Abril o congresso da oposição democrática. Os democratas aí presentes, concluem que os objectivos imediatos, possíveis de atingir através da acção unida das forças democráticas, são o fim da guerra colonial, a luta contra o poder absoluto do capital monopolista e a conquista

gime, já incontrolável pelo poder. Já está generalizada, tanto no seio das Forças Armadas como na sociedade civil, a ideia de que não é possível obter-se uma vitória pelas armas...».

A par de todo este movimento unitário, as dissidências surgiram na Assembleia Nacional. Era o começo de um fim que não tardaria. A guerra, com todos os seus males, prosseguia. Amílcar Cabral, o herói defensor dos interesses guineenses, cabeça da luta de guer-

continua na página 4

CGTP: o congresso e o prestígio

O CONGRESSO

A preparação do III Congresso da Confederação-Geral dos Trabalhadores Portugueses — Intersindical, a realizar a 6 e 7 de Março, prossegue em bom ritmo e iniciou-se com a apresentação das teses elaboradas pela Comissão Nacional Organizadora do Congresso a plenários de delegados sindicais a nível distrital. Entretanto, estão já criadas as condições para que as reuniões de trabalhadores se passem a fazer a nível mais de base, locais ou de empresas, com vista à eleição dos delegados ao Congresso e à discussão do anteprojecto de Estatutos, Programa de Acção e Caderno Reivindicativo proposto pela C.N.O.C.

Procuraremos acompanhar de perto o que a nível local se vier a passar no que respeita à preparação do que será o primeiro grande acontecimento da vida sindical deste ano.

PRESTÍGIO

Teve larga repercussão na comunicação social a visita feita a Portugal, a convite, da C.G.T.P., por Edmond Maire, secretário-geral da C.F.D.T. (Confederação Francesa Democrática do Trabalho), uma importante central sindical ligada ao Partido Socialista Francês. Edmond Maire teve a oportunidade de afirmar o seu apoio ao pedido da C.G.T.P. para ser membro da C.E.S. (Confederação Europeia dos Sindicatos) e revelou que esse apoio se baseava no reconhecimento da larga representatividade da C.G.T.P. dos trabalhadores portugueses e da efectiva democraticidade do seu funcionamento: «Consideramos que, até ao encontro, a C.G.T.P. representa, no essencial, o conjunto dos trabalhadores portugueses».

Para além da confirmação insuspeita do prestígio de que a C.G.T.P. goza a nível inter-sindical, o principal responsá-

vel pela C.F.D.T. trouxe ainda consigo alguns motivos de desapontamento para os defensores e promotores das correntes divisionistas consubstanciadas na UGT. De facto, e apesar de um certo cuidado de linguagem, de modo a não ferir demasiado a susceptibilidade da «linha Gonelha» do P.S., Edmond Maire não deixou de «pôr os pontos nos ii» quanto ao significado e importância da U.G.T.: «Trata-se dum criação mais política que sindical, que ainda não conseguiu provar a sua representatividade». Acrescentou que «em Portugal, as forças políticas de direita não desejam a unidade sindical» e quanto a uma eventual aceitação da U.G.T. pela C.E.S. pronunciou-se desfavoravelmente: «A U.G.T. não preenche, pelo menos, o requisito da representatividade».

A credibilidade da U.G.T. continua, pelos vistos, limitada às associações patronais e à C.I.S.L. de inspiração e produção americana.

PORTUGAL: anos setenta

rilha encetada pelo P.A.I.C.G., e amigo verdadeiro do povo português caía morto, vítima da agressão colonialista portuguesa. Durante a luta, várias foram as vezes que se dirigiu ao povo português, porque também este «se deveria opor à guerra colonial, como deveria exigir o regresso dos seus filhos, que morrem por uma causa injusta. Lutar contra a guerra colonial é salvar Portugal do sofrimento, da ruína e do perigo que essa guerra cria à sua própria independência».

25 DE ABRIL A REVOLUÇÃO

1974, Abril. Ainda se comentava sobre a movimentação das Caldas. Pouco passava da meia-noite quando o locutor anunciou «Grândola Vila Morena» — para o grande público era mais uma canção, mas para uma série de militares começava uma acção que os podia levar à prisão, ou à alegria de ter contribuído para a libertação do povo português — estava-se na madrugada do dia 25 de Abril.

Abria-se no horizonte a esperança de que algo se ia modificar. Mas curiosa e contraditoriamente, esta esperança era comungada tanto por trabalhadores como por uma parte da grande burguesia, isto porque uns esperavam que acabasse a sua exploração, enquanto os outros desejavam fazer uma lenta transição para a dominação indirecta das colónias, com o objectivo de salvaguardarem os seus interesses com menos riscos e melhor se integrarem na

cito pedir à população para se manter em casa, dezenas de milhares de pessoas vieram para as ruas acompanhando os tanques, oferecendo cravos vermelhos, confraternizando com os soldados, ao mesmo tempo que se lançava no mais radical desmantelamento do aparelho repressivo fascizante.

Nesta altura a presença activa da classe trabalhadora foi claramente visível, com as manifestações do 1.º de Maio durante as quais 500.000 pessoas saíram à rua somente em Lisboa, ou ainda no conjunto de greves e mobilizações, que se seguiram. Desta forma se conquistou uma grande margem de liberdade, o que provocou a curto prazo uma alteração substancial na relação de forças até então existente.

Pese a boa vontade dos partidos reformistas, o governo de Spínola sobreviveu de crise em crise até 27 de Julho, altura em que transbordou pois Palma Carlos (1.º ministro) declarou publicamente que para impedir a anarquia se tinham de fazer eleições presidenciais em lugar das para a Assembleia Constituinte, com o claro intento de reforçar o poder de Spínola. Não o conseguindo foi substituído por Vasco Gonçalves. Mas não se dando por vencido, o General do «monóculo» faz em pessoa uma convocatória, para que se mobilizasse uma suposta «maioria silenciosa». Este pedido culminou a 28 de Setembro com a montagem de um auto-golpe que possibilitaria a declaração do estado de sítio e a tomada de plenos poderes por Spínola. Mas o povo respondeu com tal audácia e precisão, que quebrou este primeiro intento contra-revolucionário. O falhanço

continuação da página 3

pe contra-revolucionário. Mas mais uma vez o seu projecto é destruído, pela pronta reacção popular. Era o dia 11 de Março de 1975.

Esta segunda derrota de Spínola provocou uma série de acontecimentos que inauguraram a talvez mais importante etapa da revolução portuguesa. Poderemos considerar cinco tipos de acontecimentos decisivos:

O VERÃO - QUENTE DE 75

1. *Enfraquecimento da burguesia política* e de grande número de famílias burguesas. Seguem-se as expropriações e a nacionalização da banca e dos seguros. Importantes industriais são presos.

2. Devido à permuta de situações a *crise económica e social agudiza-se*, atingindo limites insuportáveis.

3. *Generalizam-se as ocupações* de fábricas, estabelecimentos e casas e começam as das terras.

4. *A crise do exército* adquire uma nova magnitude, com a fuga dos oficiais reacionários e a extinção das assembleias de soldados que começavam a questionar a hierarquia militar.

5. O *aceleramento do processo de descolonização* que começada a 10 de Setembro de 1974, entrou em 75 na sua derradeira fase: a 25 de Junho a independência de Moçambique, a 5 de Julho Cabo-Verde e a 12 de S. Tomé; Por fim, Angola a 11 de Novembro. Os povos colonizados pelos portu-

ALGUMAS DATAS

- 1970 — A 27 de Julho morre Salazar.
 1972 — Américo Tomás é «reeleito» a 7 de Julho.
 1973 — Amílcar Cabral o líder do PAIGC é assassinado pela P.I.D.E.
 De 4 a 8 de Abril realiza-se em Aveiro o Congresso da Oposição Democrática.
 No Alentejo reúnem-se 120 capitães: surge o M. F. A.
 1974 — Em Março o R. I. 5, em armas, sai das Caldas e marcha sobre Lisboa. A acção é controlada.
 A 25 de Abril dá-se finalmente a tão esperada revolução.
 A 28 de Setembro abortou a tentativa da «maioria silenciosa».
 A 10 de Setembro: Reconhecimento oficial da independência da Guiné-Bissau.
 1975 — 11 de Março — o segundo contra-golpe falhado.
 A 15 de Março são as nacionalizações da banca e dos seguros.
 Abril: No 1.º aniversário da revolução realizam-se as primeiras eleições livres. O PS ganhou.
 Junho: A 25 independência de Moçambique.
 Julho: Independência de Cabo-Verde, S. Tomé e Moçambique.
 Em Novembro Angola torna-se também independente.
 25 de Novembro: um «golpe» na revolução. Pinheiro de Azevedo é nomeado primeiro-ministro.
 2 de Dezembro: eleições outra vez, mas para as autarquias. O PS confirma a sua imagem de maior partido.
 1976 — A 2 de Abril é promulgada a nova Constituição.
 Eleições para a A. R. acontecem a 25 de Abril.
 O PS tornou a vencer.
 Também a 27 de Junho realizam-se eleições para a Presidência da República. Eanes é o novo presidente.
 1979 — Depois de sucessivas crises governamentais, Eanes convoca eleições.
 Lurdes Pintasilgo é nomeada primeiro-ministro do governo de gestão.
 Eleições intercalares a 2 de Dezembro, marcam volte-face político. A A.D. ganhava com maioria absoluta.
 Volvidos 15 dias, nas eleições autárquicas, a AD confirmava a vitória anterior.



Com o 25 de Abril, foi todo um clima de mudança e participação popular que rapidamente se generalizou. Era a esperança em dias melhores.

Europa Capitalista.

Foi pois perante este leque de esperanças que se deu a vitória no 25 de Abril. Mas aqui põe-se a questão: como conciliar interesses tão diversos?

A conciliação parece ser impossível, o que implica que um dos lados leve a melhor. Pode-se considerar a burguesia como vencedora do 1.º round, pois os postos-chaves da junta militar foram entregues a críticos moderados do regime de Salazar — Caetano, como eram os generais Spínola e Gosta Gomes; é um número do «New York Times» da altura que o comprova, dizendo ser Spínola «um homem de direita capaz de pôr fim ao problema colonial, sem provocar o caos político, nem iniciar uma guerra civil».

Mas a luta de classes desbaratou estes planos. No dia 25 e seguintes, apesar da rádio controlada pelo exér-

do contra-golpe obrigou a grande burguesia a mudar de política. Ao general duro, à antiga que queria impôr em todo o país a disciplina dos quartéis, contrapõe-se a nova imagem do seu «amigo civilizado», Costa Gomes.

Podemos considerar que se inicia aqui uma nova fase da revolução: os trabalhadores agrícolas e camponeses pobres começaram a organizar-se. Paralelamente, com as greves, generalizavam-se outros métodos de luta. A primeira ocupação de grande importância foi feita a 7 de Fevereiro (1975), quando 7.000 trabalhadores das comissões operárias da Lisnave puseram em causa a propriedade dos meios de produção, sem se aventurarem todavia sobre o terreno da autogestão.

As profundas divergências existentes quer no seio do M.F.A. quer entre o P.S. e o P. C., provocavam um agudizar da crise. E é assim que, novamente Spínola, tenta outro gol-

gueses conhecerem assim o legítimo direito à auto-determinação.

A partir de então as pessoas acreditaram que se ia avançar decididamente. Mas as divisões continuaram; uma política coerentemente definida continuou a não existir; bamboleava-se.

Entretanto a 25 de Abril de 75 realizam-se as eleições para a Assembleia Constituinte, tendo a esquerda obtido a maioria.

O RETROCESSO

As divergências acentuavam-se. No 1.º de Maio o PS aproveitava-se de incidentes havidos, para fazer deflagrar um intenso ataque ao P. C., acusando-o nomeadamente de controle da imprensa e dos sindicatos, críticas essas que embora fundamentadas em alguns pontos, a-

penas pretendiam a substituição dos elementos comunistas pelos seus. Disto se aproveitava a direita para uma ofensiva que culminou com o ataque e destruição das sedes do P. C., espalhando no ar um clima de medo e terror.

O avanço da direita tornou-se então uma realidade. O V Governo caiu, Vasco Gonçalves foi substituído pelo controverso Pinheiro de Azevedo.

As primeiras medidas do novo primeiro-ministro são prova do sector ao qual se encontra vinculado: desarmamento da LUAR e PRP, abertura à actualização do CDS, repressão da liberdade de reunião, expressão e associação de soldados. O seu governo viria a cessar funções temporariamente, pouco antes do golpe alegadamente encetado por uma «ala esquerdista» das forças armadas. Era o 25 de Novembro que marcaria em termos práticos, o fim da revolução. Um cravo que murchou, neste dia de outono de 75.

Seguiu-se um contar dos dias até Abril. Foram dias de tensão constante a todos os níveis. As eleições a 25 de Abril, seriam o início da era constitucional.

A «DANÇA» DOS GOVERNOS

1976 é pois ano de eleições, quer para a Assembleia da República, quer para a presidência. As primeiras realizaram-se a 25 de Abril, data em que entrou em vigor a Constituição promulgada a 2 do mesmo mês. Diz o seu artigo 1.º e para não ser esquecido que «Portugal é uma república soberana, baseada na dignidade da pessoa humana e na vontade popular e empenhada na sua transforma-

ção numa sociedade sem classes».

Os resultados das eleições legislativas de 76, em termos de esquerda-direita, pouco se afastaram dos verificados nas constituintes de 75. O Partido Socialista saiu vencedor, tendo sido nomeado para 1.º ministro nos termos constitucionais, o dr. Mário Soares.

Mais tarde a 27 de Junho, são as eleições para a presidência da república. Apresentaram-se quatro candidatos: Ramalho Eanes, apoiado pelo bloco PS/PPD/CDS, sairia vencedor logo no primeiro escrutínio com mais de 61% dos votos expressos (tendo-se verificado a tomada de posse a 14 de Julho). Otelo Saraiva de Carvalho, Octávio Pato e Pinheiro de Azevedo eram os restantes, tendo este último praticamente abandonado a luta, desde a altura em que foi vítima de um enfarte do miocárdio.

O 1.º Governo Constitucional, socialista, governaria durante 16 meses, sem dúvida bastante tempo, para um executivo sem base parlamentar. 16 meses de tentativas para agradar a uns e a outros e que acabaram por não agradar a nenhuns. Mário Soares foi exonerado para vir de novo a ser convidado a formar governo. Ele aceita e surge então o que foi considerado como mais incaracterístico go-

continua na página 8

CAFÉ E RESTAURANTE COPÉLIA

Almoços e Jantares
 Serviço à lista
 Especializado em
 Casamentos e Baptizados
 Grande Variedade de
 Petiscos
 Rua 23 n.º 808 - Tel. 923152
 ESPINHO

DEZ ANOS DE (ALGUMA) CULTURA

DA(S) PINTURA(S)

Apenas uma nota: as nossas paredes.

Pode dizer-se que Abril trouxe para a rua. De um dia para o outro, as cidades encheram-se de cor, talvez até ao excesso. Uns diziam que era uma porcaria inadmissível. Outros deambulavam pelas ruas a admirar as pinturas murais, algumas de qualidade surpreendente. Então os turistas, esses, deliravam e pena tiveram quando tudo começou a limpar-se.

Não só as pinturas, também os cartazes. A actividade política, somada às novas técnicas de publicidade, foi responsável por este novo capítulo das nossas «artes visuais». Cartazes e mais cartazes, alguns mera informação, outros verdadeiras obras de bom gosto e criatividade, bem dignas de enfeitar qualquer parede.

DA MÚSICA - 1

1. Em relação a uma certa música portuguesa pode considerar-se o panorama da década bastante animador. Também aqui se pode falar de um «antes» e de um «depois», embora seja comum aos dois períodos a ideologia progressista presente nos poemas, assim como a procura de muitas melodias na música popular (sem, entretanto, pôr de lado uma capacidade de criação em alguns casos notável).

ANTES — José Afonso, José Mário Branco, Sérgio Godinho, Adriano C. de Oliveira, Francisco Fanhais, Luís Cília, José Jorge Letria, José Barata Moura são talvez os nomes mais sonantes desta música, no tempo do fascismo. Aproveitando todas as (poucas) oportunidades de que dispunham para se fazerem ouvir, esses a quem, depreciativamente, os prosélitos do regime chamavam «baladeiros», iam, gradual mas firmemente, levando a água ao seu moínho. Exemplo disso é o impacto que teve, em 1973, um célebre espectáculo na Casa da Imprensa, quase totalmente preenchido por estes «mosqueteiros», apesar da vigilância da PIDE. Alguns dos cantores (Cília, Mário Branco, Sérgio Godinho) viviam fora do país, por razões óbvias... Outros por cá ficaram e não tiveram vida fácil. O pior que pode acontecer a um músico é não permitir que a sua música seja ouvida.

DEPOIS — Todos os nomes já referidos passaram a frente de 25 de Abril e, então, depararam com condições favoráveis a um pleno desenvolvimento. Foi a altura dos grandes espectáculos de «canto livre» que arrastavam milhares

a cantar em coro. Foram surgindo novos nomes: Fausto, Vitorino, GAC, Trovante, enfim, uma série de cantores e agrupamentos que se têm imposto, apesar do boicote que continuam a sofrer nos grandes meios de difusão. A falta de qualidade não pode ser argumento. Se algumas vezes a qualidade foi um pouco sacrificado à urgência e à força da mensagem que se queria transmitir, isso de modo nenhum é regra.

2. A recolha e divulgação da música popular portuguesa tem vindo a marcar pontos. O nome de Fernando Lopes-Graça é fundamental neste campo (como o é na música chamada erudita), pelo que significa de dedicação e clarividência, fornecendo a grupos musicais material valiosíssimo de trabalho. A «Brigada Victor Jara» tem também, aqui, o seu lugar. Um disco saído nos últimos dias de 1979 parece indicar um outro grupo de características semelhantes com franca qualidade: chama-se «Almanaque».

3. Dentro da música mais ligeira, se um certo «nacional-cançonetismo» perpassou a década e há-de continuar, também é facto que alguns nomes se revelaram com uma preocupação de qualidade (ao nível da música e do texto) que aponta para caminhos novos. São casos de um Pedro Osório, um Paulo de Carvalho, um Carlos do Carmo, um Carlos Moniz, etc. Estes, vá lá, vão-se ouvindo de vez em quando, impõem-se em festivais, dão umas «pedradas no charco» em que se vão afogando nomes como José Cid, Marco Paulo e seus afins.

DA MÚSICA - 2

Há uma música dos anos 70, como houve dos anos 60?

Se há, não é tão fácil defini-la. Uma das características da década terá sido, precisamente, a grande dose de revivalismo que foi desenterrar vultos do passado como Elvis Presley, os Beatles, os Bee-Gees, tantos. O «rock» andou um pouco em volta de si próprio, buscou novos caminhos que não se afirmaram (o «punk»), tornou-se por vezes mais «pescado», aproximou-se do «jazz». «Jazz» que teve, sim, uma procura cada vez maior (até em Espinho houve um festival de «jazz»...).

Passamos aos anos 80 dentro de uma «new wave» que se mantém ainda pouco firme embora enérgica. Passamos também com o ritmo «disco» a «banar os salões de dança e a criar «travoltas» cheios de brilhantina e febre de sábados à noite. Mais uma onda passageira?

pelos anos 70 morreram Elvis Presley, Jimmy Hendrix, Jim Morrison, Janis Joplin. Pode dizer-se que foi morrendo uma geração do «rock», mas o «rock» não morreu. Que terá já perdido muito do seu carácter rebelde e contestatário, sendo absorvido pela «máquina» poderosa da sociedade de consumo, parecem não restar dúvidas. Não obstante, continuou, e com maior sucesso do que alguns teriam previsto, nos seus inícios.

DO CINEMA

A forte concorrência entre a TV e o cinema que vinha dos anos antecedentes continuou a verificar-se, em bora tenha vindo a assumir outras formas. Para a atenuar e conseguir manter a importância da sua audiência, os produtores cinematográficos procuraram, de uma forma geral, a utilização de estúdios mais pequenos mas mais rentáveis e funcionais, produzindo neles filmes de temáticas que atingissem de uma forma mais cuidada o público a quem eram dirigidos. As películas que tratavam de situações de sensível impacto, género filmes-catástrofe, foram as preferidas do grande público, havendo outras que se preocuparam essencialmente com a camadas mais intelectuais e por isso mais exigentes no aspecto artístico. A par destas houve outras que se dirigiram especialmente ao agrado da juventude como são exemplo as cinematizações de espectáculos musicais.

O comportamento do público em Portugal, por sua vez, sofreu nítida alteração pela supressão da censura, como consequência do 25 de Abril. Assim vêm-se de repente os cinemas inundados de fitas pornográficas que muitas pessoas procuraram apreciar até à saturação, enquanto obras de consagração valor, e interditas, até então, só muito a custo começaram a ser exibidas, embora se reconheça que cá já vão chegando algumas das melhores produções do mercado ocidental.

Mas se a pornografia foi perdendo o interesse, outros subprodutos de efeitos mais nefastos apareceram e lamentavelmente continuam a merecer grandes atenções de sectores importantes do público. Referimo-nos, como se adivinha, às fitas de «kung-fu» e de outras maneiras de apregoar o recurso à violência, assim como os melodramas indianos que

continua na página 8

DAS LETRAS

Dos livros se pode dizer que estão caríssimos. E esta é a grande questão que se apresenta à literatura, pois esta só tem interesse pleno quando chega às mãos do leitor. Cada vez menos pessoas podem comprar livros, e quem os compra são sempre os mesmos. A iniciativa da promoção de «coleções de bolso» a preços baixos (Livros RTP — Livros Europa-América — Minerva) nos inícios de 70, permitiu a muita gente encontrar boas obras de literatura, portuguesa e mundial. Infelizmente, poucas coisas do género se seguiram. Hoje, até um livro de bolso custa caro.

Importantes vultos das letras nacionais desapareceram com os anos 70 — Almada Negreiros, Ferreira de Castro, Jorge de Sena e Vitorino Nemésio. Jorge de Sena morreu «exilado» nos Estados Unidos, pois cá ninguém precisava dele. Por lá foi escrevendo e ensinando, ganhou um notável prémio de poesia, além de ter sido fadado para o Nobel da Literatura. O mesmo aconteceu a Miguel Torga, o poeta que continua vivo e que, ultimamente, também foi premiado.

Uma referência ainda a alguns ilustres que morreram nos últimos dez anos: Pablo Neruda, André Malraux, Bertrand Russell, Agatha Christie, Marcuse, Toinbee, etc. Em campos diversos, em géneros particulares, todos eles trabalhavam as letras com carinho e com saber, legando aos vindouros importantes contributos.



Luís Cília: ele e outros, uma nova música portuguesa que Abril divulgou. Onde está ela?

DO TEATRO

CENSURA — O fim da censura forneceu ao teatro novas e larguíssimas possibilidades. Grandes textos de grandes autores (até então proscritos) subiram aos palcos portugueses, trazendo-lhes uma força social, política e estética que o poder fascista naturalmente não admitia. Assim, de 74 em diante, o panorama teatral animou, mas sobretudo em Lisboa. Atente-se no labor da Cornucópia, da Comuna, dos Bonecreiros, da Baraca, do TEP, da Seiva Trupe, do Centro Cultural de Évora, e outros mais. Pena é que, estando dependentes dos subsídios estatais, com tanta frequência vejam ameaçada a continuidade do seu trabalho. A par com este teatro, manteve-se o teatro comercial, manteve-se a revista. Revista que, curiosamente, chega ao final da década com um «discurso» francamente conservador, reaccionário até em muitos casos (há excepções, raras), facto tanto mais grave quanto continua a ser um espectáculo bastante popular.

Mas ainda antes de 74 se fazia já algum teatro de qualidade, escapando pelas malhas da censura (que nem tudo podia cortar). Alguns dos grupos então mencionados viviam já por esses tempos e trabalhavam com qualidade. A par deles, realçavam-se os grupos de teatro universitários (em Lisboa, Coimbra e Porto) que, desde os anos 60 e princípios de 70, trouxeram a público algumas realizações importantes e que ainda hoje se recordam.

DESCENTRALIZAÇÃO — De descentralização se falou muito após o 25 de Abril. Não se avançou tanto quanto seria desejável. Exemplar desta nova perspectiva, que queria tirar a Lisboa (e ao Porto?) o monopólio da vida cultural, é o caso do Centro Cultural de Évora. Funciona activamente há cinco anos, apresentando bons trabalhos para adultos e para crianças, fazendo novos actores, animando a região. Alguns exemplos mais de descentralização são os de Viana do Castelo, Viseu e Vila Real, entre outros. Para não falar das digressões que certas companhias fazem regularmente pelo país que, sendo desejáveis, não são propriamente descentralização.

AMADORES — O teatro de amadores é velho no nosso país. Ganhou novo alento com as condições mais favoráveis, que lhe permitiram receber apoio das autarquias, da SEC, do FAOJ. Foi bastante solicitado por ocasião das «campanhas de dinamização do MFA», iniciativa importante em 74/75, por muitos erros que se lhe possam apontar. De referir ainda a tentativa de agrupar os grupos de teatro de amadores do país, criando uma estrutura (a APTA) que se tem debruçado sobre questões da vida teatral que de algum modo vão permitindo o melhor desenvolvimento dos trabalhos. Além disso, têm constituído incentivo os Festivais de Teatro de Amadores promovidos pela APTA e pela CGTP.

A Nova de Espinho

TINTURARIA E LAVANDARIA

Lavados a seco com rapidez
Tintos em todas as cores
LUTOS RÁPIDOS em 24 h.
R. 22 n.º 495 — Tel. 921074
ESPINHO

O Recanto

ALBERTO JOSÉ PEREIRA REIS

Mobiliário Artístico
e Decorações

Rua 12 n.º 593 — ESPINHO
Telef. 923399

ASSINE O
Maré Viva

COM OS JUNIORES A RECUPERAREM

JOÃO FÉLIX APONTA OBJECTIVO:

«É PRECISO REESTRUTURAR O FUTEBOL JUVENIL DO SP. ESPINHO E PÔ-LO AO NÍVEL DUM BRAGA, LEIXÕES OU ACADÉMICO DE COIMBRA»

Após uma época «em cheio», em que avultaram os êxitos das equipas dos juniores e dos iniciados, a que agora decorre não tem sido tão favorável para o futebol juvenil do Sp. Espinho. Não está em causa naturalmente o trabalho das escolas de jogadores, que continua sem sobressaltos, mas sim os recentes e lamentáveis acontecimentos que levaram à interdição do Avenida por 3 jogos para os juvenis, e sobretudo, a situação pouco tranquilizante da equipa de juniores no Campeonato Nacional.

As atenções recaem compreensivelmente sobre a carreira desta última equipa, que na última época venceu a sua série e conquistou um excelente terceiro lugar no Nacional e que agora discute com dificuldades um lugar (pelo menos o 6.º) que lhe garante a continuação na prova maior do calendário do futebol júnior. Como acontece sempre no futebol, é sobre o treinador que recaem, aos olhos do público, as principais responsabilidades dos êxitos ou inêxitos das equipas que orientam e João Félix não foge à regra e, apesar das qualidades de técnico e condutor do jovens que lhe são publicamente reconhecidas, é sobre ele que agora incidem o desencanto, e as preocupações e as esperanças dos adeptos espinhenses já habituados, talvez, à naturalidade das vitórias dos juniores do Sp. Espinho.

Como há um ano, João Félix esteve connosco para falar da sua equipa, por coincidência, numa altura em que desapareceram algumas das «nuvens negras», mercê do algo inesperado 5-1 que a equipa conseguiu em Belmonte. Explicou:

«Este ano está a suceder ao Sp. Espinho um pouco do que vem sucedendo a muitos clubes sem estruturas e que, como o Alverca, o Celoricense, fazem uma época brilhante e depois caem verticalmente, em alguns casos voltando aos regionais. Não são exemplos perfeitos do que aqui se passa, porque o clube já tem uma outra dimensão, mas também é certo que ainda não estão criadas as estruturas de apoio à formação de jogadores que permitam às equipas jovens manterem uma regularidade, não como a do Porto, do Benfica, ou do Sporting, mas como a de um Braga, um Leixões ou um Académico

de Coimbra, que têm conseguido manter um nível homogéneo, também com o seu brilhante de vez em quando.

O Espinho ainda não conseguiu estruturar o seu futebol de modo a conseguir este objectivo por que penso se deve lutar e daí que as boas equipas não tenham a continuidade desejada. O ano passado, por exemplo, só tivemos de integrar dois juniores de fora aos que o Sp Espinho já dispunha, e este ano tivemos de recorrer a nove futebolistas de outros clubes da região para os juntarmos aos dois juniores que tínhamos e que ficaram do ano passado. É claro que é muito diferente trabalhar com uma equipa com jogadores que já jogavam em comum e traziam uma educação futebolística recta desde a idade infantil e ter agora de afinar um conjunto de rapazes com qualidades, é certo, mas que nunca jogaram juntos e ainda por cima vêm carregados de defeitos adquiridos e que, agora, aos 18 anos, custam muito mais a corrigir do que se tivessem 13 anos».

Apesar deste «handicap», João Félix confessa que uma carreira tão irregular não estava na sua «agenda»:

«Não pensava, nem de longe, que se pudessem repetir os resultados do ano passado, mas pensava que poderíamos fazer um campeonato tranquilo. A realidade está a ser um pouco diferente, abaixo das reais potencialidades da equipa e dos jogadores. As coisas não começaram a correr bem e alguns dos rapazes ressentiram-se psicologicamente, começaram a duvidar das suas possibilidades, apesar de todo o trabalho que tenho feito no sentido de os moralizar. O problema residiu sobretudo no receio que os avançados tinham de atirar ao golo, por falta de confiança, e digo «tínhamos» porque espero sinceramente que o jogo de Belmonte, onde marcámos mais golos do que em todos os 11 jogos anteriores, tenha sido o tónico necessário para que os jogadores comecem a acreditar na recuperação».

As perspectivas não são pelos vistos muito desanimadoras:

«Estamos com 10 pontos, em igualdade com o Oliveira do Bairro, e apesar do campeonato ser muito duro, com desloca-

ções grandes e a campos difíceis, apesar de termos perdido muitos pontos em casa, penso que o calendário não nos é desfavorável e que será possível obter os 18 ou 20 pontos necessários para evitar a descida ao regional. Claro que isso depende sobretudo dos jogadores e julgo que eles saberão responder».

O objectivo mais imediato é a manutenção no Nacional, mas João Félix volta a defender, como no início, outros de alcance mais vasto:

«É importante para o fute-

bol do Sp. Espinho, que a equipa não desça, pois trata-se de uma prova de projecção e de cuja presença o clube poderá tirar muitos proveitos. Mas é preciso fazer um esforço de reestruturação do departamento de futebol, de captação de muitos mais jovens para o clube, para que não haja de vez em quando falta de jogadores de uma determinada idade e não se tenha de se formar uma equipa exclusivamente para disputar o Nacional de Juniores, como sucedeu este ano. Não é isso que interessa ao clube».

Sp. Espinho, 4 - Oliveirense, 1

Como que a confirmar o optimismo de João Félix quanto ao tónico da vitória em Belmonte, os juniores espinhenses, agora com o concurso de dois ex-juvenis do clube, dominaram completamente o terceiro classificado da série, que se previa muito difícil de bater. E como se estas dificuldades não bastassem, a equipa teve ainda a pôr à prova a sua saúde moral a adversidade de um golo marcado na própria baliza por um seu defesa, logo no início do encontro. Tudo indica, portanto, que os nossos juniores encontraram a via da fuga à despromoção. A próxima visita a «Os Vilanovenses» será com certeza a prova definitiva deste ressurgimento.

BEIRA-MAR, 1 - SP. ESPINHO, 1

Como em Portimão, os espinhenses viram fugir-se-lhes nos últimos minutos a hipótese de se estrear como vencedores em terreno alheio nos jogos dos Nacionais da I Divisão. Foi um «penalty», cometido (?) por Pinto Ribeiro que impediu a concretização duma vitória que começou a ser construída na primeira parte por um golo de Canavarro e poderia ter-se definido completamente se Mané, numa ocasião, tivesse concretizado o 2-0. Foi, de qualquer modo, um bom resultado, que coloca a equipa no sétimo lugar e no primeiro de todas as que lutam pela continuação no escalão maior.

Aliás, é a circunstância dos bons resultados conseguidos perante as equipas da mesma igualha que dá uma posição de privilégio ao Sp. Espinho. Senão, vejamos a quem foram conquistados os 15 pontos actuais: Rio Ave (2), Beira-Mar (3), Leiria (2), Varzim (2), Braga (2), Marítimo (1), Portimonense (1), Estoril (1) — com todos estes «afritos» houve vitória em casa e empate fora — e mais um ponto, em casa, com o Beirenenses, que anda (sabe-se lá porquê) por outras andanças. Em suma, com equipas que estão atrás de si, o Espinho só perdeu com o Setúbal. Ou seja, o Espinho tem feito pontos «com quem interessa...».

42.º Aniversário da A. A. E.

O sarau ginnodesportivo do último sábado foi o ponto mais alto das comemorações do 42.º aniversário da Associação Académica de Espinho. Estas encerram no próximo fim-de-semana com uma sessão solene no sábado à tarde, na sede, e um baile na Piscina no mesmo dia, à noite.

HÓQUEI EM CAMPO

HONRA

Lousada, 1 — AAE, 0

RESERVAS

AAE, 2 — Vigorosa, 3

VISTA OS SEUS FILHOS

NA

BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

FONSECA

TECIDOS
MODAS

ESPINHO

Rua 19 n.º 275 - Tel. 920413

MEIRELES EXEMPLAR

A Federação Portuguesa de Futebol deu notícia da sua decisão de agraciar com a Medalha de Exemplar Comportamento o desportista espinhense Meireles, que na época passada deu por terminada a sua actividade de futebolista ao serviço do Sp. Espinho. Esta distinção da F.P.F. é muito rara, pois só é atribuída a atletas que terminem a sua carreira com o seu «curriculum» completamente isento de qualquer sanção disciplinar.

Ora Meireles é um desses poucos casos, dado que ao longo dos 18 anos que representou o Sp. Espinho (o seu único clube, aliás) e dos mais de seiscentos jogos oficiais que disputou, nunca foi expulso, castigado ou sequer advertido, tornando-se assim no melhor dos exemplos para os jovens desportistas e, em particular, para os mais de cem miúdos que tem a seu cargo na escola de jogadores do Sp. Espinho.

A distinção da F.P.F. foi já concretizada com a entrega a Meireles de um cartão vitalício que dá acesso a todos os recintos onde haja competições sob a égide da Federação, e será oportunamente completada com a entrega da Medalha de Exemplar Comportamento. Espera-se, naturalmente, que, nessa altura, os responsáveis do clube dêem a esta consagração o carácter público que o valor do futebolista e a estatura do desportista exigem.

VOLEIBOL

SCE, 20 — D. Portugal, 19

Vitória difícil, mas importante, frente a um dos candidatos à fase final, coloca os espinhenses no 3.º lugar e em condições excelentes para a desejada qualificação.

ANDEBOL

SENIORES MASCULINOS

SCE, 3 — A. Coimbra, 1

SCE, 3 — A. Madalena, 1

SENIORES FEMININOS

SCE, 3 — Fermentões, 2

Sp. Braga, 1 — SCE, 2

Nos Nacionais maiores, da Zona Norte, o 3.º lugar dos masculinos e 4.º dos femininos dão boas perspectivas para a possibilidade de participação na fase final.

ATLETISMO

António Leitão não fez figura (32.º lugar) no Cross das Amendoeiras, ficando aquém daquilo do que seria de esperar, ou por má forma, ou porque optou por uma corrida cautelosa e descansada. Entretanto, domingo de manhã o atletismo vai ter mais uma festa, com o Cross de Paramos, no domingo de manhã, no âmbito das comemorações do 25.º aniversário do Clube R. C. Paramos.

TUY - VIGO

QUINTAS — 300\$00 — SÁBADOS

A partir de 14 de Fevereiro poderá utilizar os nossos autopullmans de luxo para fazer as suas compras em Espanha FAÇA A SUA RESERVA NA

Agência de Viagens CONCORDE

RUA 12 N.º 628 — TEL. 921941/921285 — TELEX 24407
ESPINHO

CARNAVAL NO ALGARVE

EXCURSÃO EM AUTOPULLMAN DE LUXO

4 MARAVILHOSOS DIAS

DE 16 A 19 DE FEVEREIRO

«O CARNAVAL DE LOULÉ
E AS AMENDOEIRAS DO ALGARVE»

CONCORDE - Viagens e Turismo

RUA 12 N.º 628 — TELEF. 921941 — ESPINHO

ALOJAMENTOS NA PONTE DE ANTA

continuação da página 1

priadas por entidades públicas.

Daí que Artur Bártolo, por nós contactado, se mostrasse agastado com o caso, ainda que descansado quanto à correcção de todo o processo de atribuição das casas. Julgamos ainda saber que estará a ser contemplada a possibilidade de uma acção judicial perante acusação tão grave, na sequência aliás daquela que os vereadores do PS propuseram que fosse desencadeada na última reunião camarária e contra o mesmo semanário, ainda que por motivo diferente, como relatamos noutro local.

Entretanto, têm sido notórios os esforços de alguns sectores no sentido de tentarem descobrir na acção da Câmara anterior motivos concretos para ataques públicos, procedendo para o efeito a desesperadas buscas nos arquivos e dossiers existentes na câmara. As próximas semanas nos dirão se esse trabalho de sapa irá servir para comprovar a razão de ser dos ataques constantes que faziam à Câmara anterior ou se, afinal, se terão de calar por nada descobrirem semelhante aos escândalos que rebentaram em vários concelhos onde a direita esteve no poder.

CONCURSO AINDA DEMORA

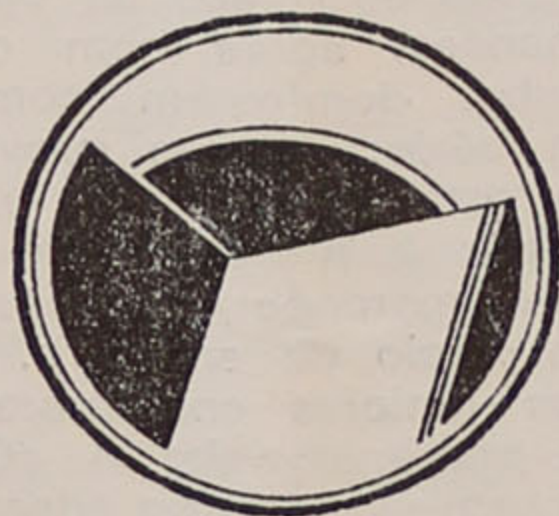
Parece que, ao contrário do que chegou a ser divulgado, o concurso geral para as habitações da Ponte de Anta vai levar o seu tempo. Isso foi o que nos disseram do Fundo do Fomento da Habitação, não se concretizando assim a informação de que o concurso abriria neste princípio de ano. A demora continua a dever-se aos mesmos factores que têm vindo a retardar lamentavelmente o momento em que tantas famílias esperam poder ter acesso a habitação condigna: para além do sensível atraso na própria construção das casas, cresce ainda que as infraestruturas indispensáveis não estão prontas, principalmente abastecimento de água e esgotos. De momento funcionam apenas soluções provisórias, que se servem para resolver o problema de algumas famílias não podem ser encaradas quando se tratar de alojar todas as pessoas que lá irão habitar.

Mas o que é lamentável é que os casos gravíssimos de famílias a viver em condições infrahumanas vão-se mantendo e a solução tarda mais do que deveria.

A vida cultural espinhense foi um pouco atribulada ao longo dos anos 70, na medida em que foi ganhando progressiva importância. Não muito, apesar de tudo. Mas bem mais do que em outras zonas do país...

Antes de Abril, o ponto de viragem, que existia?

Ao nível de instituições, quase nada. As Bandas de Música e Tuna, importantes enquanto vão ensinando a muitos jovens a arte dos sons, mas sempre limitadas às tradicionais apresentações em festas; a Academia de Música, que durante muito tempo organizou um Festival de Verão com importantes manifestações de música clássica, necessariamente para um público restrito; a Secção Cultural da AAE, que começou a mexer e a preocupar-se com a cultura (o teatro, a actividade com crianças, as sessões de música e poesia) e que ganharia cada vez mais importância; «Hoje», um suplemento (também cultural) que começou a aparecer na Defesa de Espinho, da autoria de jovens ligados à Secção Cultural.



Depois de Abril, há alguns factos salientes:

1. Franco desenvolvimento da Secção Cultural da AAE, que começou a repartir-se por muitos trabalhos, fazendo teatro para adultos e crianças, cantando em coro, promovendo sessões infantis e juvenis, trazendo a Espinho importantes grupos nacionais («Bonecreiros», «TEP», «Seiva-Trupe», Teatro de S. Pedro do Sul...). De tal modo assim foi que, «no período de recessão» (1976) certos poderes entenderam extinguir esta Secção Cultural — que movimentava cerca de 80 jovens — com a promessa de criar uma outra, essa sim, a boa. Onde está?

2. Uma Casa de Cultura, ligada ao FAOJ, que não teve tempo para fazer grande trabalho. As tentativas avançadas de coordenar o trabalho ao nível da zona não foram muito longe. Além disso, promoveram-se bastantes manifestações culturais para públicos novos, gente simples das freguesias a quem a cultura ainda não tinha chegado.

3. Tentativas de aproximação das zonas mais abandonadas de Espinho, com realce para o Bairro Piscatório. Lá se promoveram muitas sessões, lá se iniciou um curso de Alfabetização. Infelizmente, como em tanto outro sítio, tudo se foi perdendo no meio do caminho.

4. Sessões culturais promovidas ora pela Academia de Música, ora pela Comissão de Festas, ora pela Solverde. Normalmente, sessões de música (clássica, jazz, popular). Salvo raras excepções todas estas manifestações, além de atingirem sempre um mesmo e privilegiado público (até pelo local onde normalmente se realizavam), dificilmente podem criar uma autêntica vida cultural na cidade. São manifestações esporádicas, concentradas no período de verão, aparecem e vão sem mais. Animação cultural é mais complicada.

5. A criação da cooperativa NASCENTE. Um projecto saliente, mesmo a nível nacional, repartindo-se por múltiplas actividades, tem vindo a crescer

são de uma lamechiche indiscreta, aliada a uma pobreza técnica confrangedora, o que nos leva a concluir da impreparação cultural de muito público por não os saber rejeitar. Uma forma de entender a vida completamente reprovável.

Por seu lado e apesar da mudança, o cinema português não conseguiu impôr-se junto do público a quem deveria ser dirigido. Várias razões assistem aos seus auctores e responsáveis como são a falta de uma eficaz rede de distribuição, estúdios onde seja possível realizar algo consentâneo, qualidade técnica e artística minimamente válida, etc. Mas isso, no entanto, não chega para justificar as pobres condições que se nos deparam. A concepção algo «intelectualóide», a ausência, bem como a procura de uma alternativa no tratamento de assuntos que não são apreendidos pelos filmes importados, por outros mais de acordo com as nossas capacidades de criar, serão talvez os defeitos que os próprios cineastas devem reconhecer. Só então será possível admitir que no futuro algo vai ser diferente.

desde a fundação, em 1976. Além de manter quase uma centena de pessoas em trabalho permanente pela animação cultural, tem conseguido uma certa continuidade de trabalho, aquela continuidade capaz de criar um público. Promove espectáculos e, sobretudo, cria os seus espectáculos.

Procura atingir todas as camadas da população, até as mais esquecidas, em Espinho como nas zonas em redor. Para além de tudo isto, conseguiu já pôr de pé realizações que atingiram projecção nacional e até internacional. Tendo embora os seus detractores (qual a organização cultural que os não tem?), tem vindo contudo a afirmar-se como um exemplo único no panorama cultural da nossa região.

PORTUGAL: ANOS SETENTA

continuação da página 4

verno após Abril, em virtude de congregar duas forças ideologicamente contrárias: o PS e o CDS. A base parlamentar seria assim conseguida e a aprovação dos projectos governamentais não apresentaria problemas de monta. Isto se tal base se mantivesse, o que não aconteceu: surgiram divergências profundas e o acordo estabelecido rompeu-se. Tudo voltava ao ponto zero, tendo atingido a crise que o país atravessava uma das suas fases mais agudas. Três foram as hipóteses então encaradas pelo presidente Eanes: eleições intercalares, formação de um governo com apoio parlamentar ou indigitação de um primeiro-ministro independente. Foi esta última hipótese a seguida pelo Presidente da República. Assim surge à frente de um governo de tecnocratas, o Eng.º Nobre da Costa, ministro da Indústria e Tecnologia no 1.º governo constitucional. Este governo morreria à nascença, pois o seu programa foi rejeitado pela A. R. De todos os executivos este teria a vida mais curta.

MOTA PINTO AO ATAQUE

Perante tal situação, Ramalho Eanes vê-se na iminência de dissolver a Assembleia da República e convocar eleições. Mais uma vez isso não acontece e é indigitado para primeiro-ministro, um dissidente do P.P.D. — Mota Pinto. Era o 4.º governo constitucional e o 10.º depois da revolução de Abril, e seria também o que suscitaria mais polémica. Desde a sua tomada de posse no Outono de 78, Mota Pinto encabeçou um política anti-popular ao mais alto grau. Na Comu-

nicação Social, nomeadamente na rádio (e também na imprensa com o caso de Jacinto Baptista do Diário Popular, por exemplo), com o saneamento da comissão administrativa da R. D. P., os programas que apesar de tudo tinham conseguido manter um mínimo de qualidade exigida, desapareceram do nosso comprimento de onda. Os profissionais competentes ligados a sectores de esquerda, foram pura e simplesmente «limpos» dos quadros da rádio portuguesa.

Se Mota Pinto procedeu mal neste sector, a nível da reforma agrária excedeu-se. Foi a entrega da terra àqueles que no 25 de Abril fugiram para o estrangeiro, deixando-as ao abandono. Os trabalhadores iniciaram após Abril de 74 todo um processo de reconstrução, criando cooperativas e unidades colectivas de produção. Foram anos de trabalho esforçado, com esperança num futuro promissor. E os louros, recolheram-nos os exploradores capitalistas. A opressão desenfreada da GNR, lembrava os anos negros do fascismo, o 4.º governo passara dos limites, e como não bastasse seguiram-se as desintervenções, a par da desastrosa subida do custo de vida. Estava-se mais perto de 28 de Maio de 1926 que de 25 de Abril de 1974.

«MOTA PINTO PARA A RUA!»

Mas o povo mais uma vez veio para a rua, lembrando que afinal ainda existia. A movimentação popular atingiu números só comparáveis aos do 1.º de Maio de 74. O povo não queria um governo que não era seu. E é a pressão popular que faz com que os seus re-

presentantes na A. R. tomem uma posição clara quanto à governação Mota Pinto. Surgem duas moções de rejeição, apresentadas pelo P. S. e pelo P. C. É a maioria de esquerda que num dos seus poucos momentos de unidade derruba o mais contestado governo do Portugal de Abril. Eanes não tem alternativa: exonera Mota Pinto, dissolve a Assembleia e convoca eleições gerais antecipadas. A frente do governo de gestão e pela primeira vez na história de Portugal, a cara simpática e sorridente de uma mulher que inspirava confiança quanto à gestão do país até 2 de Dezembro: Maria de Lurdes Pintasilgo. Seria o único governo a cumprir integralmente o seu mandato.

A 2 de Dezembro, eleições. A partida uma direita unida, contra uma esquerda cada vez mais dividida. Porque a união até faz a força, a A.D. venceu com maioria absoluta.

Os grandes vencedores foram a A. D. e a A.P.U., tendo esta última força atingido aumentos significativos, metendo um deputado por Braga e outro por Aveiro, zonas consideradas impenetráveis a forças como o P.C.P. e o M.D.P. Por outro lado, o derrotado-mor deste referendo foi o P.S., vencedor em 76, torna-se 2.º partido, passando à oposição. Volvidos 15 dias, ainda as cúpulas analisavam os resultados, a confirmação do dia 2 chegava através das eleições para as autarquias.

Anos setenta em Portugal: No início a morte do ditador Salazar; a fechar, a nomeação de Sá Carneiro para primeiro-ministro. A Revolução de Abril foi o marco mais importante, a manutenção do seu espírito será a incógnita da nova era que começámos já a viver — os anos 80.

DA TELEVISÃO

Fala-se aqui de televisão enquanto meio privilegiado de difusão cultural, que devia ser mas não é.

Antes do 25 de Abril, não o era porque não podia. A cultura ofende o poder ditatorial. Ameaça-o. Se um ou outro programa escapava à regra, não passava disso: um ou outro programa, para salvar as aparências. Política cultural? Nada.

Depois do 25 de Abril, as coisas modificaram muito. Nos tempos áureos da Revolução, a TV serviu bastante bem a cultura que era necessária no momento: informar, mostrar o país e as gentes, difundir os factos e as opiniões. Era cultura, certamente. E cultura muito viva.

Não obstante, um projecto real de dinamização cultural nunca foi posto de pé. Passados esses tempos áureos, em que a «fome» de cultura poderia ter conduzido a uma televisão radicalmente nova, vieram outros tempos que exigiam à TV apenas isto: divertir, sem olhar a meios. Foi o que ela se preocupou em fazer (mal), importando quase tudo, tornando-se chata a maior parte do tempo, deixando por lá de vez em quando um teatrinho português, um filmezito, um programa de interesse. Que tem havido programas bons, lá isso tem. Mas rapidamente acabam e não são substituídos. Ou não chegam ao fim: vão ficando esquecidos nas prateleiras.

Hoje, muita gente vê televisão. Não temos lá a cultura que seria necessária (e nunca tivemos). Não temos lá a informação viva, o povo, o país, (e já o tivemos). Temos lá umas coisas. Telenovelas, por exemplo. Também são uma certa cultura...



PORTE PAGO

A Biblioteca Gulbenkian
Rua 21 - ESPINHO